



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS ROLIM DE MOURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO
CAMPO**



**ARPILLERAS NA LUTA: RESISTÊNCIA E EMANCIPAÇÃO DA MULHER
CAMPONESA EM RONDÔNIA¹**

Manuela Nunes Gustavo²

Catiane Cinelli³

RESUMO

O presente artigo intitulado “*Arpilleras* na luta: resistência e emancipação da mulher camponesa em Rondônia”, aborda como as *arpilleras* são uma forma material de expressar as diversas realidades vividas por mulheres, como ocorreu na ditadura chilena ou com as barragens no Brasil. O objetivo do trabalho se dá em analisar as lutas de resistência e práticas emancipatórias das mulheres atingidas por barragens, a partir das *arpilleras* no estado de Rondônia. Objetiva-se também conhecer as histórias de grupo de mulheres nas comunidades que utilizam o bordado para denunciar a violação de direitos; identificar, por meio dos bordados das *arpilleras*, a oportunidade de as mulheres falarem sobre si mesmas; investigar as experiências vividas na luta de resistência das mulheres atingidas por barragens em Rondônia. A metodologia se dá através da pesquisa participante com as técnicas de entrevistas semiestruturadas com duas mulheres atingidas por barragens; realização de duas oficinas no município de Porto Velho/RO com observações participantes e registro no diário de campo; além de análise documental em materiais do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). A pesquisa mostrou como as *arpilleras* são vistas como ferramentas importantes por todas as pesquisadas, como forma de luta e resistência, em que as mulheres relatam histórias da comunidade. Dessa forma, acontecem experiências educativas populares.

Palavras-chave: Luta. Mulheres. *Arpilleras*. MAB.

¹ Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Rondônia – UNIR

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: manununes1020@gmail.com

³ Professora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: catiane@unir.br

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) pretende mostrar que as mulheres atingidas por barragens têm seu lugar no mundo, por meio de estudos sobre as *arpilleras*, uma técnica têxtil que vem sendo desenvolvida principalmente no Chile, usada como ferramenta de luta e resistência. As mulheres do MAB trouxeram as *arpilleras* para o Brasil, como denúncia da violência sofrida e violação de direitos humanos pelas hidrelétricas, contribuindo para a emancipação feminina das mulheres atingidas direta ou indiretamente. Este trabalho tem por objetivo geral analisar as lutas de resistência e práticas emancipatórias das mulheres atingidas por barragens, a partir das *arpilleras* no estado de Rondônia e como objetivos específicos: conhecer as histórias de grupos de mulheres nas comunidades que utilizam o bordado para denunciar a violação dos seus direitos; identificar por meio das *arpilleras*, a oportunidade de as mulheres falarem sobre si mesmas; investigar as experiências vividas na luta de resistência das mulheres atingidas por barragens em Rondônia.

Segundo Bacic (2012), a *arpillera* é uma técnica artesanal e artística, com o objetivo de demonstrar resistência feminina. Ao analisar essa técnica, Boleão e Cardoso (2018) tratam como uma narrativa coletiva, vivências comunitárias, de forma textual e visual, para aumentar a compreensão do que se quer expressar. A utilização dessa técnica de forma artesanal pode facilitar o entendimento e compreensão de alguns temas na educação do campo, retratando a realidade camponesa, que de acordo com Silva (2017), o artesanato funciona como uma importante metodologia de trabalho, que auxilia na aprendizagem, corroborando com Godinho (2017), que afirma que o artesanato é uma ferramenta pedagógica para problematizar como um processo político.

De acordo com informações do Centro Brasileiro de Estudos e da Fundação Memorial da América Latina (Exposição de 25 de setembro a 25 de outubro de 2015) os trabalhos realizados com mulheres atingidas por barragens é movimento impetrado pelo MAB que há mais de 27 anos vem atuando na luta pelos direitos humanos.

No atual modelo de construção de barragens, a energia é vista como uma mercadoria e os direitos humanos constituem empecilhos, dentre eles à plena reparação de perdas sejam elas materiais ou emocionais. A busca por reunir informações que fomentem a memória plural das mulheres atingidas por barragens nos motiva a este estudo. Em busca de construção da identidade, cuja ferramenta pode ser a *arpillera*, instrumento de denúncia da violação de direitos das mulheres atingidas por barragens. É importante conhecer como essa arte chegou ao Brasil, entendendo que pesquisar sobre as *arpilleras* é também reconstruir a nossa própria

história e identidade, é falar sobre mulheres que viram no bordado uma possibilidade de resistir.

As mulheres do MAB se desafiaram a exigir os direitos humanos, através do coletivo e processo de lutas por justiça social, para suas famílias e comunidades atingidas, e, desse modo, as *arpilleras* servem de reflexão para começarem a costurar e questionar em todos os sentidos, a ideia e lugar tradicionalmente atribuídos a elas (MAB, 2015).

A relevância da pesquisa se situa em conhecer os direitos das mulheres, suas histórias como atingidas e que o ato de bordar pode ser uma forma de resistir quando seus sonhos parecem não ter sentido. É também uma forma de discutir teoricamente sobre a emancipação das mulheres e que a *arpillera* pode ser uma ferramenta de luta. Relatar a história das *arpilleras*, das atingidas por barragens pode contribuir com a visibilidade das mulheres na Educação do Campo, como protagonistas de processos educativos não formais.

A confecção das *arpilleras* é um trabalho com as mulheres para a comunidade, tanto rural quanto urbana. Podendo confeccioná-las com suas próprias mãos, relatando fatos importantes para a comunidade camponesa. Na concepção do MAB (2015), as *arpilleras* contribuem para a educação no campo, visibilizando a técnica do ensino para as comunidades, a partir de exposições em igrejas, associações, sindicatos, universidades e escolas urbanas e rurais.

O método que encaminha o presente trabalho é o materialismo histórico dialético, ou, a abordagem dialética. Esta que “teoricamente junta à proposta de analisar os contextos históricos, as determinações socioeconômicas dos fenômenos e as relações sociais de produção e de dominação com a compreensão das representações sociais” (MINAYO, 2011, p. 24).

O trabalho se ampara na metodologia da pesquisa participante, que de acordo com Gil (2010, p. 43), trata-se:

[...] de um modelo de pesquisa que difere dos tradicionais porque a população não é considerada passiva e seu planejamento e condução não ficam a cargo de pesquisadores profissionais. A seleção de problemas a serem estudados não emerge da simples decisão dos pesquisadores, mas da própria população envolvida, que os discute com os especialistas apropriados.

Há aproximações com a pesquisa ação, que assim como a pesquisa participante não considera a população passiva e, ao mesmo tempo que pesquisa, realiza-se a ação com o grupo. Constituem etapas da investigação proposta, conforme descrito por Le Boterf (1999), que apresenta algumas fases, a saber: discussão do projeto de pesquisa com o grupo a ser pesquisado; identificar a estrutura social da população; compreender o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem; dados objetivos sobre a situação da

população socioeconômico, e, por fim, elaborar um plano de ação, em nosso caso, para a realização das oficinas, que aconteceram nos meses de fevereiro e maio de 2019, onde compareceram 13 e 14 mulheres respectivamente, sendo essas mulheres trabalhadoras rurais e urbanas que são do Movimento dos Atingidos por Barragens.

Na oficina em fevereiro foi apresentado o projeto sobre as formas de violência e a construção da resistência, utilizado o método de partilha de grupo, onde cada participante expôs sua vivência na temática. Na oficina realizada em maio, apresentou-se o tema “As mulheres, outra vez, na mira da Reforma da Previdência”, discutindo de que forma as mulheres são afetadas diretamente. Nessas oficinas realizaram-se as observações participantes, com registro no diário de campo, observando também os relatos de vivência das mulheres. Os grupos foram retomados a partir dos já organizados pelo coletivo de mulheres do MAB.

Também foram utilizadas técnicas de pesquisa de análise documental, em cartilhas, relatórios e documentos produzidos pelas mulheres e pelo MAB; entrevistas semiestruturadas, que “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (MINAYO, 2011, p. 64), com duas mulheres, sendo uma de cada grupo pesquisado. Como critérios para escolha das entrevistadas, foram as mulheres com mais tempo de luta das mulheres no MAB.

Para a realização das entrevistas foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Estas foram realizadas nos dias 18 e 26 de maio de 2019, no município de Porto Velho, RO, com duração em média de 50 minutos cada uma. Os sujeitos da pesquisa são mulheres atingidas por barragens das usinas hidrelétricas de Santo Antônio e Samuel, organizadas em grupos nas comunidades onde vivem, residentes no município de Porto Velho.

Ao discorrer sobre o tema de pesquisa, senti a necessidade de contar um pouco de minha experiência que tem relação com o trabalho em questão. Dessa forma, a primeira seção denominei “A experiência de uma mulher atingida”. Em seguida trarei as discussões e constatações que a pesquisa proporcionou.

1.1 A Experiência de Uma Mulher Atingida

Viver o impacto causado pela construção de usinas hidrelétricas, faz sentir-me uma atingida por barragem e descrever esse sentimento do que é ser uma mulher atingida. Isso acontece muito comigo, eu me chamo Manuela Nunes Gustavo, brasileira, divorciada,

acadêmica do curso de Licenciatura em Educação no Campo, mãe, militante e agricultora atingida pelas barragens do Consórcio de Santo Antônio Energia (SAE) em Porto Velho/RO no ano de 2008.

Sou filha de camponeses, sitiantes, pescadores, seringueiros, agricultores com muito orgulho do meu pai e minha mãe, que criaram seis filhas e dois filhos com a renda familiar só do que plantavam, pescavam e caçavam. Meu pai Pedro Gustavo da Silva e mãe Maria Nunes Gustavo, ambos com 76 anos, moram juntos aqui em Rondônia, na comunidade de Maravilha, margens esquerdas do Rio Madeira na zona rural de Porto Velho. Antes moravam em um sítio mais distante no Ramal da Jatuarana, também zona rural de Porto Velho, mas tiveram que vir mais para perto da cidade por motivo de saúde e da idade, mesmo assim escolheram um lugar mais tranquilo e que pudessem ter o mesmo hábito que tinham em um sítio, de plantar, criar e pescar, pois não conseguiram sair dessa rotina.

Meu pai e mãe são analfabetos, minha mãe não sabe ler nem escrever, meu pai assinava o nome, agora não consegue, pois ele tem mal de Parkinson há doze (12) anos, isso lhe prejudicou a saúde. Eu, minhas irmãs e irmãos moramos em Porto Velho, sendo que alguns concluíram o ensino médio e outros o fundamental. Eu sou a única que ingressei no ensino superior e irei concluir o curso de Licenciatura em Educação do Campo. Dou graças a Universidade por me transmitir outros conhecimentos, juntamente com os do Movimento dos Atingidos por Barragens, a partir dessa inserção posso dizer que tenho outra visão do mundo.

Estudei de sete aos quatorze anos, até a sétima série, aí parei para casar, casei tive um filho, separei, casei novamente e tive o segundo filho, terminei o ensino fundamental e médio aos vinte e quatro anos. Fiquei mais de vinte anos sem estudar, aos quarenta e sete anos comecei a licenciatura e agora aos cinquenta pretendo concluir. Só sei dizer que mudei e para melhor, estamos sempre nos renovando, modificando, entendendo que faz parte do ser humano querer sempre aprender mais.

Antes de iniciar a Licenciatura em Educação do Campo passei por uma depressão, causada pelo impacto da construção da hidrelétrica de Santo Antônio, pois tive que sair da comunidade que morava antes com minha família. A notícia da construção da Barragem me causou medo e pânico e as negociações por direitos teve muito truculência da empresa. As tratativas de negociações eram definidas pela empresa e o tratamento era desigual esse processo de negação do meu direito que fez com que eu começasse a me interessar por outras coisas para superar a doença.

Eu não queria ter sido atingida por esse tipo de implemento do sistema capitalista, que só nos oprime e destrói, após sermos atingidas, precisamos lutar para termos nossas

conquistas e direitos com dignidade e respeito. Infelizmente esse tipo de consórcio, chega nos estados e faz com que a gente acredite que tudo vai mudar, que vai ser bom, diferente, esplêndido e extraordinário, de uma dimensão que o ser humano que vive ali, fica esperando uma vida melhor ao longo dos anos.

No início nós moradores do local, ficamos pensativos, indecisos e confusos(as) sem saber o que fazer, e após as conversas, os responsáveis pela hidrelétrica acabam nos convencendo. Nós que somos pequenos agricultores, sitiantes, pescadores, ribeirinhos, quilombolas, meeiros e arrendatários(as), sabemos sobre os benefícios e a necessidade nacional por energia elétrica, porém somos diretamente atingidos pela construção e sofremos na pele, os malefícios ocasionados pelas usinas de energia e após as articulações do consórcio, acabam nos deixando sem opções, se ficarmos no local seremos alagados(as), então nos resta aceitar a proposta do consórcio.

Esses grandes empreendimentos já trazem esquemas prontos, para que não possamos interferir. Com a mudança do local, de acordo com minha observação, a empresa tratava as famílias com desprezo e empecilhos para a concretização das obras, tratando em dividir a comunidade criando desavença com os vizinhos(as). Usavam a técnica de dividir o processo de negociação para não ser coletivo facilitando o aceite das famílias. Também há negação das informações completas (Onde o lago ia chegar, Margens da Área de preservação permanente e quantidade de atingidos).

Vi esses acontecimentos aflorar onde só havia relatos de outros atingidos(as) da usina de Samuel, famílias se afastando e se desfazendo, principalmente o esposo, que com pouco dinheiro já não é a mesma pessoa, e quando tem algum dinheiro, está vindo para casa com amigos de cachaça e depois some. Enquanto isso a mulher está tentando cuidar dos(as) filhos(as) ou do que resta, nesse momento a mulher tem que se manter forte, equilibrada, meiga, resistente, tranquila, inabalável, sendo uma guerreira, o alicerce, o pilar da família, isso acontece nas famílias que são atingidas por barragens.

A mulher é a que mais sofre com essa situação, e chega um ponto que ela não resiste mais, está muito abalada, seus filhos já constituíram famílias, em alguns casos sem o companheiro e dinheiro, assim a situação fica afetada em todos os níveis, sendo a pior fase da sua vida. Com tudo o que passou, era o momento em que deveríamos ter o acompanhamento das empresas, a ajuda tinha que ser nesse momento crítico, falta esse momento de ajuda, por não termos esse apoio, adoecemos, vem as preocupações, as perguntas sem respostas, o desânimo, tristeza, depressão, remédios, falta de um atendimento específico para os atingidos(as) por barragem, falta de políticas públicas nesse sentido.

Uma mulher atingida passa por vários processos, é um sentimento diferente, que faz com que se transforme em outra pessoa, e pode passar o tempo que for não volta a ser como era antes. Nesse caso, passei por esse processo e observei que as mulheres que convivi na comunidade passaram pelo mesmo processo depressivo e doloroso. Não viver sua vida, sobreviver em outra forma de vida, um dia após o outro, levando consigo boas lembranças, no tempo que brincava, sorria, sonhava, fazia planos para o futuro, tinha em si sua alegria, resplandecia vida. Quando a gente tem aquela vontade de viver, tudo se torna mais agradável, e relembrando aquele lugar de onde saímos, só vem lembranças de um lugar que já foi bom, agradável e inesquecível.

É um grande desrespeito com o ser humano, o consórcio chegar, ser implantado e não pensar em quantas pessoas irá prejudicar. Dentre as pessoas que foram atingidas, pude observar como crianças possuem maior adaptabilidade a nova realidade, ao novo local de moradia, se recuperando em pouco tempo, mas as mulheres são as mais prejudicadas com tudo isso. Como mulher atingida por barragem, sei que as empresas vêm destruir e diminuir tudo aquilo que construímos em nossas vidas. Imagino que deixou pelo Brasil, diversas pessoas com esse sentimento de destruição, um sentimento que eu vivi, e tive que tentar seguir em frente com a minha vida.

As barragens destroem famílias, destroem vidas, destroem sonhos. E a superação de todos os problemas só é possível devido a organização coletiva e luta pelos direitos no Movimento dos Atingidos por Barragens. Ao falar do movimento eu me identifico mais com o trabalho das mulheres nas comunidades, sindicatos, igrejas e também na capital e agora estamos com um coletivo de mulheres fazendo reuniões para tratar um pouco sobre Violência contra as Mulheres.

Nessa vida de militante participamos de formação em outros estados, reunião da coordenação ou de mulheres sempre para expor o que fazemos nos Estados e planejar atividades, o que eu aprendo é muito gratificante, tanto para mim quanto passar para as pessoas ao meu redor e também ao movimento. Uma das minhas primeiras experiências foi o Sétimo Encontro Nacional do MAB que aconteceu em Cutias, São Paulo em 2013, foi minha primeira viagem para longe. E em 28 de setembro 2017 participamos do Oitavo Encontro Nacional que foi no Rio de Janeiro de 1 a 5 de outubro no Sambódromo, ficamos todos(as) acampados(as) no espaço.

Entre os projetos que participei do MAB, o “Tecendo Resistência” em 2013, foi me dado a oportunidade de aprender e confeccionar as *arpilleras*, junto com as companheiras das comunidades, só estive ausente durante o período que estava na Universidade Federal de

Rondônia (UNIR), mas ao retornar, voltava ativamente ao grupo. Quando nos reunimos no grupo de mulheres, sentimos uma sensação de companheirismo, força, entusiasmo, incentivo, capacidade de poder socializar com as companheiras um pouco de conhecimento, sempre levamos coragem, alegria, e esses sentimentos são recíprocos, sentimos isso nas conversas, encontros e oficinas, principalmente no momento da confecção das *arpilleras*.

Uma atividade da militância que marcou a minha vida foi a viagem para a França, em 14 a 28 de novembro de 2016 fazendo um Intercâmbio sobre violência contra mulheres, aproveitando a viagem realizamos a exposição das *arpilleras* como forma de denúncia das barragens, falando também do MAB no Brasil, pois eles queriam saber sobre esse Movimento Social. Então passamos em vários lugares, expondo as *arpilleras* e falando da violência que as barragens deixam nos Estados que as constrói.

Foi uma grande experiência, jamais vou esquecer, pois quando cheguei lá me senti muito bem, tive que perder todo o medo e encarar o trabalho de frente. Um dos momentos marcantes foram sete minutos que tivemos ao vivo numa emissora de rádio Brasileira de lá, respondemos algumas perguntas e conhecemos pessoas do Brasil. Visitamos uma horta de tomate agroecológico, os tomates eram enormes, num pedacinho de terra parecendo cascalho, não sei como dava tomates tão bonitos.

As minhas experiências nacionais e internacionais, só foram possíveis porque há um movimento organizado dos atingidos(as) por barragens.

1.2 O Movimento dos Atingidos por Barragens

O Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) é um movimento nacional, autônomo, de massa, de luta, com direção coletiva em todos os níveis, com rostos regionais, sem distinção de sexo, cor, religião, partido político e grau de instrução. É um movimento popular, reivindicatório e político, que reúne famílias rurais, camponesas e ribeirinhas que se organizaram para lutar pela garantia de seus direitos, que foram ameaçadas por projetos de construção de barragens.

Os primeiros passos da organização dos atingidos por barragens teve início ainda no final da década de 70, na ditadura militar, período em que ocorreu a retirada forçada de direitos civis e políticos. Ao mesmo tempo em que a ditadura restringia os direitos, a indignação contra o regime fez com que surgissem várias formas de organização e luta. É neste período que também surgem várias forças importantes de trabalhadores como o Movimento Sem Terra, a Central Única dos Trabalhadores e o próprio Partido dos Trabalhadores.

O período foi marcado por uma grave crise energética a nível mundial, com a primeira grande crise do petróleo. Isso fez com que os países centrais fossem em busca de novas formas de gerar energia, pensando em como substituir a falta de petróleo. Com isso, os países com potencial em outras fontes começaram a ser alvo de estudos e implementação de formas “renováveis” de geração de energia:

No Brasil, a Eletrobrás foi responsável por desenvolver um estudo aprofundado sobre o potencial hidrelétrico, análise dos rios e bacias hidrográficas. Como nosso país é rico em água doce, rios com grande volume de água e quedas suficientes para gerar energia elétrica, a conclusão do estudo foi um mapeamento detalhado de onde se poderia construir as usinas hidrelétricas. Grandes empresas eletrointensivas (alumínio, ferro-liga, etc) estavam se instalando no país e exigiam as condições de infra-estrutura, nesse caso em especial, energia elétrica. Com isso, o Estado brasileiro foi o grande financiador da construção das hidrelétricas. Imediatamente iniciou-se a construção de grandes usinas em várias regiões do país. Ao mesmo tempo em que havia um estudo sobre o potencial e como fazer o aproveitamento da energia, não havia uma proposta de indenização adequada das famílias que viviam na beira dos rios. Consequência disso foi a expulsão de milhares de famílias de suas terras e casas, a maioria sem ter para onde ir. Muitas foram para as favelas das cidades, engrossaram as fileiras de sem-terras⁴.

De acordo com o próprio movimento (2011), a prática militante se desenvolve através de ações com caráter de formação, mobilização, denúncia e reivindicação. Participam dos grupos, não só as famílias que possuem terras nas comunidades, mas também aquelas que de alguma forma dependem economicamente da comunidade atingida para viver ou do próprio rio, ou seja, os arrendatários, os posseiros, os pescadores, os meeiros, os parceiros, os agregados, os trabalhadores rurais sem-terra, entre outros(as).

O trabalho em Rondônia com os atingidos se iniciou na época da construção da Usina Hidrelétrica de Energia Samuel, em 1982, em que comunidades próximas foram impactadas pela sua construção, na região dos municípios de Candeias do Jamari e Itapuã d’Oeste/RO. Posteriormente a construção em 2006, o MAB passou a atuar no chamado “Complexo Hidrelétrico do Rio Madeira” composto pelas duas Usinas de Jirau e Santo Antônio. Atualmente, o MAB atua em cinco municípios no estado de Rondônia: Candeias do Jamari, Itapuã d’Oeste, Porto Velho, Alto Paraíso e Guajará-Mirim.

[...] na época, foram criadas comissões locais de atingidos por barragem, especialmente nas “linhas” onde as comunidades eclesiais de base, ligadas à Diocese de Ji-Paraná, coordenada por Dom Antônio Possamai, atuavam. As comissões locais se articulavam em comissões municipais, que por sua vez, se reuniam na Comissão Estadual de Atingidos por Barragens de Rondônia. Esta Comissão participou do I Encontro Nacional de Trabalhadores Atingidos por Barragens, realizado em Goiânia, em 1989, do I Encontro dos Atingidos pelas Barragens da Amazônia, realizado em Altamira, em 1990 e do I Encontro dos Atingidos por Barragens, realizado em Brasília, em 1991. No mesmo ano, o movimento de ameaçados pelo projeto da Usina Ji-Paraná e o movimento de atingidos pela Usina Samuel criaram o Movimento dos Atingidos por Barragem em Rondônia, o MABRO, embrião do MAB-Rondônia (MAB-RO). Além do objetivo imediato de impedir a construção da

⁴ Informações obtidas na própria militância e no sítio eletrônico do movimento: <https://www.mabnacional.org.br>.

Usina Ji-Paraná e de reivindicar soluções para os problemas causados pela Usina Samuel, o MABRO tinha como proposta apontar alternativas energéticas (NÓBREGA, 2008).

Nóbrega (2008) ainda relata sobre a articulação e construção da organização dos(as) atingidos(as) por barragens em Rondônia e na Amazônia:

Nesta ocasião, foi criada a Comissão dos Atingidos por Barragens da Amazônia, que contou com a participação de Rondônia, representada por José Bassegio e Anselmo de Jesus. Dentre as alternativas propostas pelo MABRO, destacavam-se o Gasoduto Urucu-Porto Velho e as hidrelétricas de pequeno porte. Anos mais tarde, no final da década de 90, estas duas propostas foram alvo da crítica do MAB-RO e de outros movimentos sociais e entidades da sociedade civil reunidas no Fórum de Debates em Energia de Rondônia (FOREN), preocupados com os potenciais prejuízos da construção do Gasoduto – que atravessaria terras indígenas e áreas de floresta – e com os graves prejuízos decorrentes da expansão das hidrelétricas de pequeno porte no estado. O que inicialmente foi proposto como solução passou a ser percebido como um problema que os próprios movimentos sociais e as entidades de apoio legitimaram. Atualmente, o MAB-RO articula a luta contra barragens (contra os projetos hidrelétricos, principalmente os das Usinas do Rio Madeira) e busca soluções para o passivo da Usina Samuel e das hidrelétricas da bacia do Rio Branco (NÓBREGA, 2008).

Muita resistência, lutas e conquistas têm sido a história de organização dos(as) atingidos(as) por barragens no Brasil. São 27 anos de movimento nacional em defesa dos direitos dos atingidos e atingidas, em defesa da água e da energia e pela construção de um Projeto Popular para o país (MAB, 2011).

A participação desorganizada na sociedade geralmente faz com que o povo seja utilizado como “massa de manobra” e o resultado desta participação geralmente não é bom para o povo. Um time de futebol, onde os 11 jogadores participam desorganizadamente na partida (cada um faz o que quer), geralmente acaba com a vitória do adversário. Se a população deseja impedir a construção de uma barragem tem que se organizar para conseguir seus direitos. A organização do MAB serve para reunir (juntar os oprimidos); para esclarecer (clarear a mente); para despertar (alertar as pessoas); e para, através da nossa força, lutar pelo que queremos (MAB, 2011).

O Grupo de Base é o alicerce do Movimento, sua força é o seu povo organizado. É a porta de entrada que acolhe e escolhe as pessoas que querem lutar por seus direitos. “O Grupo de Base reúne as famílias de uma determinada comunidade ou bairro, que já se comprometeram com o Movimento. Uma comunidade ou bairro, quando muito grandes, podem ter vários Grupos de Base” (MAB, 2011, s/p). Além dos grupos, existem as coordenações a nível local, estadual e nacional.

As informações coletadas durante a pesquisa nos mostram que as principais lutas do MAB se dão em ter o direito de dizer não às Barragens, pela defesa dos direitos das populações atingidas, reivindicar o direito ao acesso a água e construir um projeto energético popular. Dentre as lutas e organização do MAB, está a organização das mulheres.

1.3 Luta e Organização das Mulheres do MAB

A luta realizada pelas mulheres do MAB ganhou força na última década, almejando uma melhoria de vida e busca por igualdade aos homens, em que as mulheres atingidas por barragens, encontram-se em territórios que o capital vem avançando e elas são as que sofrem diretamente com os impactos desse avanço, e é delas o papel de resistência. As mulheres são fundamentais nessa resistência, na organização e na luta, pois são as mais atingidas, estando assim na linha de frente na luta pela transformação social e construção de uma sociedade igualitária (MAB, 2015). O movimento dos atingidos comprova que as mulheres sofrem violação dos seus direitos, sendo estes comuns em lugares onde são construídas as UHE, e dentre os direitos violados, pode-se observar seis formas de violação de direitos femininos se repetem, sendo os principais como: mundo do trabalho; participação política; relação preconceituosa das construtoras; perda dos laços comunitários e familiares, aumento dos conflitos e violência contra as mulheres e falta de acesso a políticas públicas (MAB, 2015).

O Coletivo de Mulheres do MAB nasceu por necessidade de ter a organização das mulheres dentro do Movimento, fazer o processo de formação com as companheiras onde as atingidas fossem protagonistas das lutas por libertação e ampliação do direito. As principais ações de luta das mulheres do MAB são no mês de março, quando no dia 8 se comemora o dia de lutas das mulheres, nesse dia realizamos luta de ruas, debates e processo de formação.

Nos últimos anos, o MAB vem dando destaque a auto-organização das mulheres na luta, na coordenação e nos grupos de bases para denunciar as violações dos direitos humanos e protagonizar as lutas por seus direitos. As mulheres lutam em movimentos populares do campo e da cidade, sindicatos, associações de bairros, conselhos, entre outros, exercendo um papel importante na resistência (MAB, 2017).

De acordo com Maso (2015), a importância da organização das mulheres se dá em um dado momento quando dizem que acham muito bom falar de mulheres e seus direitos em reuniões, pois são nessas oficinas que elas se acham livres e podem se alegrar, conversar e relembrar as velhas amigas. A pesquisa nos mostra que as mulheres consideram poucas as oficinas, que poderiam ser mais, porque algumas não conseguem nem conversar com seus próprios esposos, mas durante as oficinas se sentem à vontade. Considero esse um dos pontos principais de organização, deixá-las decidirem o que é melhor para a comunidade, dia e hora que elas possam se encontrar para suas reuniões locais. Elas mesmas se articulam, se organizam de forma coletiva, dividindo tarefas, organizando a música e ornamentação, e durante nossas reuniões são os homens que vão para cozinha. Quando tem encontro de

mulheres estaduais ou reunião local e quando é o dia todo, quando realizamos os encontros nas comunidades, alguns esposos já até levam elas e deixam no local e numa determinada hora vão buscá-las.

Uma ação que as mulheres do MAB desenvolvem nacionalmente é de artesanato a partir de *arpilleras*, estabelecendo assim uma relação com a luta internacional. Sobre essa técnica desenvolveremos a seguir.

2 AS ARPILLERAS COMO FORMA DE DENÚNCIA E ANÚNCIO

As *arpilleras* são técnicas têxteis, de origem popular, inicialmente foram confeccionadas por bordadeiras chilenas, no litoral central do Chile, sendo amplamente conhecida por meio da folclorista Violeta Parra, que auxiliou a expansão sobre o conhecimento das *arpilleras*. Surgindo como uma forma de denúncia, durante a época da ditadura no Chile, nos anos de 1973 a 1990, como ferramenta para denunciar as atrocidades que ocorriam naquele país (MARCAS DA MEMÓRIA DA COMISSÃO DE ANISTIA, 2011). É importante situarmos as *arpilleras* como artesanato:

[...]até a década de 80, o trabalho artesanal estava relacionado aos estudos da antropologia e do folclore em toda a América Latina. Assim, no Brasil, é a partir da década de 80 que o artesanato começa a ser estudado por outras perspectivas, inclusive refletindo sobre o trabalho realizado coletivamente que tem ou remete a ideia de uma “alma nacional.” (GODINHO, 2017, p. 27).

Em se tratando de *arpilleras*, a reflexão se dá pela violência sofrida pelas mulheres, assim como as artesãs chilenas tinham em suas peças: onde estão os desaparecidos? As brasileiras atingidas por barragens perguntam: onde estão os nossos direitos?

A partir desta indagação e da compreensão de que a *arpillera* pode ser uma oportunidade de exercitar a linguagem universal da resistência, faz-se necessário travar uma luta contra a construção desenfreada de barragens hidrelétricas, que embora propagam o desenvolvimento energético brasileiro, despejam milhares de famílias. Acredita-se que se as mulheres do Movimento das Atingidas e dos Atingidos por Barragens (MAB), ao começarem a costurar suas histórias comecem a repensar em todos os sentidos a ideia e o lugar que tradicionalmente são atribuídos às mulheres (MAB, 2015).

2.1 Arpilleras Produzidas Pelas Mulheres do MAB

As mulheres do MAB seguiram pelo caminho traçado pelas chilenas para denunciarem e resistirem à injustiça. Assim, as *arpilleras* produzidas pelas mulheres do MAB são

manifestos bordados em repúdio aos problemas consequentes da construção de barragens em várias regiões ribeirinhas do país, reconstruindo a história e identidade, as mulheres almejavam no bordado, uma possibilidade de resistir, exigindo os direitos humanos, por meio do coletivo e do processo de lutas por justiça social, tanto para suas famílias e comunidades atingidas (MAB, 2015).

Com o conhecimento sobre a técnica chilena, as mulheres atingidas por barragem puderam expressar por meio de agulha, linha e retalhos as violações que sofreram pelas usinas hidrelétricas. As *arpilleras* ganharam visibilidade em uma exposição denominada “*Arpilleras, bordando resistência*” no Memorial de América Latina em São Paulo, onde foi exposto 30 *arpilleras* confeccionadas (MAB, 2015).

Em 2013, *arpilleras* da resistência política chilena foram expostas no Brasil. Também neste ano, militantes dos direitos humanos – Argentina e Chile – se encontraram em Buenos Aires, capital argentina, com ativistas brasileiras do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) ao participarem de oficinas e exposição da *arpillera* política. De volta ao Brasil, militantes do MAB difundiram essa técnica de bordado entre mulheres impactadas por grandes projetos hidrelétricos. Desde então, a *arpillera* é utilizada para narrar experiências de perda socioambientais provocadas pela exploração da água para produzir energia elétrica. Entre os lugares onde a técnica foi difundida e vem ocorrendo, destacamos, preliminarmente, imagem criada no baixo rio Xingu, Altamira (Pará). (FREIRE, 2017, p. 69).

A partir das duas entrevistas realizadas com mulheres atingidas por barragem, que participam ativamente do MAB, é possível constatar que as *arpilleras* são expressões em que as mulheres, por meio de bordados, contam suas experiências ou relatam o que aconteceu na sua comunidade e/ou assentamento.

As *arpilleras* são consideradas como uma ferramenta na libertação feminina. A primeira entrevistada Rosa do Deserto⁵, ao falar sobre a importância das *arpilleras* na representatividade feminina junto ao MAB, relatou que:

é uma maneira de se expressar sobre a sua vida, através dos bordados e tipo assim, o ‘fuxico’, foi quando as mulheres se reuniram para confeccionar, as *arpilleras* trabalham no psicológico das mulheres, e nós tivemos como expressar nossas vidas, através das *arpilleras*, a última que fizemos, que fomos para exposição, eu chorei, pois teve *arpilleras* representando nossa vida, a vida que a gente vivia, o pessoal começou a aplaudir e eu comecei a chorar, quando eu me deparei com nossos cartazes sobre *arpilleras*, mas eu fiquei feliz também, pela minha maneira de pensar, que cada estado produz suas *arpilleras* e todas ficavam ali (informação verbal)⁶.

Como foi relatado acima, a entrevistada revelou sua participação na confecção de várias *arpilleras*, desde o começo do projeto “Tecendo Resistência” em 2013, que representam sua vida ou histórias de luta das mulheres no MAB. As mulheres que participam

⁵ Utilizaremos nome fictício, no caso de flores, escolhido pela entrevistada, para preservar sua identidade.

⁶ Informação fornecida por Rosa do Deserto, em entrevista realizada em Porto Velho em 26 de maio de 2019. A entrevistada Rosa do Deserto atua no MAB há 12 anos e participa da confecção de *arpilleras* desde 2012 no projeto de *Arpilleras* do MAB.

deste projeto, algumas foram diretamente atingidas por barragens e outras são reassentadas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), e confeccionam nas *arpilleras* essas experiências coletivas vividas.

O processo de produção de uma *arpillera* inicia com uma roda de conversa com as mulheres, debatendo sobre suas realidades locais, sobre as ameaças do processo de lutas e resistências e as diferentes ações de lutas. São necessários dois dias para fazer uma peça, no primeiro dia tiramos para fazer o debate e estudo de uma temática, o processo de formação política e conscientização sobre a temática, já no segundo tiramos para confeccionar a peça com o tema escolhido pelas mulheres.

Ao confeccionar a *arpillera* sobre as hortas (que pode ser observada na figura 1), Rosa do Deserto afirma ver sua história, pois ela se intitula como agricultora e feirante, em que relata também sua atividade em feiras da reforma agrária, atual forma de renda da entrevistada, que afirma estar feliz participando da confecção de *arpilleras*.

Figura: 1 - Arpillera produzida, representando todas as mulheres/um coletivo com suas hortas



Fonte: GUSTAVO, Manuela Nunes. *Arpilleras na luta: resistência e ...* Rolim de Moura, 2019.

A *arpillera* acima foi confeccionada para expressar todas as hortas do coletivo de mulheres do Pamos⁷, representando por meio dos bordados o galinheiro, ao redor os canteiros ou leiras com verduras e legumes, sendo esses: cheiro verde, cebolinha, pepino, couve, rúcula

⁷ PAMOS: Assentamento da Reforma Agrária, fica localizado no município de Candeias do Jamari-RO.

e alface. Também está representando os carros que levam os produtos para serem vendidos nas feiras, produtos agrícolas que são vendidos pelo coletivo do assentamento entre homens e mulheres, sendo a figura feminina representada na *arpillera*.

Vale salientar que a atividade com as hortas, que promovem renda a essas mulheres, é uma conquista do Movimento dos Atingidos por Barragens, que é executado pela Associação do Desenvolvimento Agrícola Interestadual (ADAI) em parceria com o Banco de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), hortas como essa pode ser visto na foto 1.

Foto 1 - Horta produzida na comunidade Pamos



Fonte: Movimento dos Atingidos por Barragens -RO, 2019.

A segunda entrevistada, Flor de Lis, também relatou sua trajetória de vida até chegar nas confecções das *arpilleras*, e demonstrou grande alegria em aprender essa técnica, e como foi importante em sua vida, a participação na confecção das *arpilleras*, destacando a última confeccionada, que teve como tema a “previdência”. E ao ser questionada sobre a importância das *arpilleras*, Flor de Lis disse na entrevista que:

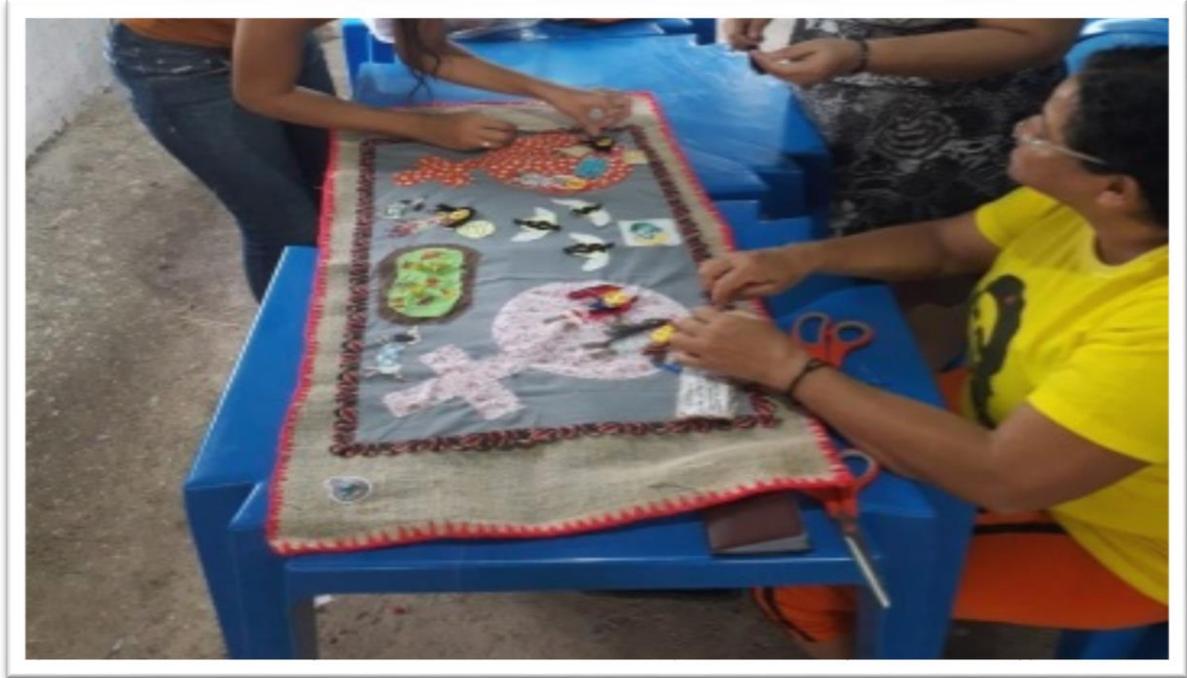
A importância das *arpilleras* do MAB, demonstra o que estamos sentindo, o que passou e o que tá passando, pra mim é isso, por exemplo a previdência, todas as mudanças que passamos e iremos passar nesses quatros anos, do novo presidente, a gente fez as *arpilleras* sobre o que a gente tá sentindo, tá vendo sobre a produção rural e urbana, a gente trabalha nas *arpilleras* para demonstrar a importância do que nós mulheres sentimos. (informação verbal)⁸.

Por meio da técnica têxtil, Flor de Lis e outras mulheres participantes do MAB,

⁸ Informação concedida por Flor de Lis, em entrevista realizada em Porto Velho em 18 de maio de 2019.

relatam sobre a previdência, pela confecção da *arpillera*, como pode ser visto na foto 2.

Foto 2 - Confecção da arpillera que tem como objetivo expressar os sentimentos das mulheres do MAB em relação a Reforma da Previdência



Fonte: GUSTAVO, Manuela Nunes. *Arpilleras na luta: resistência e ...* Rolim de Moura, 2019.

De acordo com as mulheres que confeccionaram a *arpillera* acima, ela foi confeccionada para representar a reforma da previdência, mostrando que as mulheres camponesas, serão as mais afetadas com a mudança, como pode ser visto com mais destaque nas figuras 3 e 4.

Essa preocupação das mulheres camponesas se dá por uma das principais alterações que exigiriam mais sacrifício das mulheres. A reforma discute o aumento na idade mínima, 60 para 62 anos (trabalhadoras urbanas) e de 55 para 60 anos (trabalhadoras rurais). Para os homens, serão mantidas as idades mínimas atuais: 65 anos (urbano) e 60 para rurais (UOL, 2019).

Com essa alteração, as mulheres do campo se sentem diretamente injustiçadas e prejudicadas, pois tem dupla jornada e seu trabalho na roça é pesado, e com a alteração da idade mínima, aumentará o tempo para que estas possam reivindicar seus direitos previdenciários.

Figura 3 - *Arpilleras* confeccionadas pela coordenação do grupo de mulheres do MAB/RO, representando a reforma da previdência



Fonte: GUSTAVO, Manuela Nunes. *Arpilleras na luta: resistência e ...* Rolim de Moura, 2019.

Vale ressaltar a importância da *arpillera* acima, onde pode ser lido a seguinte frase “As mulheres da zona rural não aguentam trabalhar até os 60 anos”, expressando assim a preocupação dessas mulheres, que são mulheres do campo e temem a nova reforma e as consequências em suas vidas (figura 4).

Figura 4 - Arpillera sobre a reforma da previdência: Símbolo da previdência (A); Bonequinha confeccionada e representando a preocupação das mulheres do campo (B); Frase sobre as diferenças da valorização feminina (C)



Fonte: GUSTAVO, Manuela Nunes. *Arpilleras na luta: resistência e ...* Rolim de Moura, 2019.

Esse tema tem grande relevância e impacto direto nas mulheres do campo, e de acordo com o MAB (2017) a classe trabalhadora irá trabalhar, literalmente até morrer, e as mulheres poderão perder o direito de se aposentar antes dos homens, sendo que as mulheres exercem uma jornada de trabalho maior que os homens, sendo uma jornada de trabalho dupla, em seu ambiente de trabalho e cuidando do seu lar, além de exercerem atividades que estão na informalidade.

Durante a confecção da *arpillera* sobre a previdência, foi realizado a observação participante com registro no diário de campo no dia 11 de maio de 2019, no assentamento Pamos, no município de Candeias do Jamari, onde foi realizado uma conversa com 14 participantes, com a temática “Reforma da Previdência”, em que com a aprovação da mesma, uma das maiores prejudicadas serão as mulheres, principalmente as mulheres camponesas. As informações coletadas sobre a troca de elementos sobre o tema, foi a constatação que as

mulheres não compreendem o que a mídia fala e o verdadeiro impacto da reforma, porém buscam informações com o coletivo de mulheres e conversas, com isso, as mulheres saem com suas dúvidas esclarecidas.

Outra *arpillera* de grande importância é a denominada “Justiça para Nicinha”⁹, foi confeccionada no dia 16 de julho de 2016, pelas atingidas da hidrelétrica de Jirau em Nova Mutum, e vem sendo uma das *arpilleras* destaques, com pedido de justiça pela morte de uma mulher atingida por barragem, e de acordo com uma reportagem do MAB em 2016, uma das participantes do movimento relatou que a *arpillera* foi uma maneira que as mulheres encontraram para denunciar a lentidão da justiça do estado nesse caso (MAB, 2016), conforme figura 5.

Figura 5 - Arpillera “Justiça para Nicinha”



Fonte: Movimento dos Atingidos por Barragens. **Atingidas pela hidrelétrica de Jirau bordam arpillera cobrando justiça ao assassinato de Nicinha.** São Paulo, 2016.

Conforme as mulheres do MAB, a *arpillera* acima representa Nicinha no fundo do rio, jogada no rio pela pedra na qual seu corpo foi encontrado. Na canoa seu companheiro, que sempre a acompanhara na luta e na pesca de mãos dadas, no fundo o linhão da Jirau, e ao lado o acampamento dos pescadores com as caças e seus dois cachorros (MAB, 2016).

A *arpillera* acima, já participou de diversos eventos, mostrando a representatividade

⁹ Esta *arpillera* não foi confeccionada especificamente para a pesquisa. No entanto, considero ser importante na luta das mulheres do MAB em Rondônia, por isso apresento-a aqui.

feminina, em que eu Manuela, tive a honra de levá-la a uma exposição, no período de 14 a 28 de novembro de 2016, com várias outras *arpilleras* do coletivo nacional do MAB, contando as histórias de cada uma delas e a violência contra as mulheres no Brasil, esse evento ocorreu em Toulouse na França, e essa *arpillera* foi homenageada na prefeitura da cidade durante o evento.

A *arpillera* “Justiça para Nicinha”, é um exemplo de representatividade feminina, e também de como as mulheres são vítimas de violência. Um país que as mulheres são as maiores vítimas de assassinatos, o caso de Nicinha representa as violações de direitos humanos e o tratamento despendido aos atingidos(as) pelas hidrelétricas em Rondônia e no país. “Nicinha morreu porque não aceitou as injustiças das barragens calada” (MST, 2017).

A violência sofrida por Nicinha, foi um dos assuntos que foram debatidos durante as conversas realizadas no dia 16 de fevereiro de 2019, no Assentamento Flor do Candeias, no município de Candeias do Jamari, com 13 participantes, com o objetivo de fortalecer o coletivo de mulheres local, por meio do tema: as formas de violência contra as mulheres, para que elas possam se defender das violências que sofrem diariamente”, com objetivo de falar sobre a valorização das mulheres, a importância desse tema, e principalmente sobre as altas taxas de assassinatos de mulheres e sobre as políticas de proteção para as mesmas.

Todas as participantes perceberam a importância do coletivo de mulheres, sua valorização como pessoa e como agricultora e também a necessidade de maior conhecimento sobre a temática. Assim, a pesquisa mostrou que o objetivo das oficinas em conscientizar as mulheres em busca da emancipação está em constante construção.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob o título *Arpilleras* na luta: resistência e emancipação da mulher camponesa em Rondônia, procurou-se destacar a participação das mulheres no trabalho com as *arpilleras*, técnica têxtil que expressa e denuncia a violações de direitos, por meio dos bordados.

Essa técnica expressa como uma comunidade se sente após a construção das usinas. Assim na pesquisa foi possível identificar que as *arpilleras* são uma forma das mulheres falarem sobre si mesmas, expressando por meio do bordado a realidade como atingida e como camponesa. A exemplo, a horta, a previdência social e a luta contra as barragens, que retrata o cotidiano das mulheres atingidas.

As oficinas contribuíram para a discussão e aprofundamento sobre os diversos temas como violação de direitos e reforma da previdência. Dessa forma, o trabalho com as

arpilleras contribui para a conscientização e emancipação das mulheres camponesas que lutam por seus direitos no estado de Rondônia.

A pesquisa mostrou que as mulheres atualmente estão querendo saber mais sobre seus direitos, em todos os espaços de lutas e políticas públicas, com resistências e enfrentamentos nos Movimentos Sociais tanto nas comunidades rurais quanto urbanas. Elas estão percebendo a importância do fortalecimento para juntas combater o patriarcado, machismo e o preconceito de gênero.

Percebi durante essa pesquisa que as mulheres nas comunidades, quando se reúnem para dialogar e transformar a conversa em uma *Arpillera*, tem todo um processo durante sua construção, esse momento é o mais gratificante. Observei que elas vão se identificando e construindo dentro de si sua própria história e realidade, e nesse momento sentimos como se transformam dentro da coletividade com ideias, opiniões, sugestões e enfim buscam através da resistência, sua emancipação.

ABSTRACT

WEAVING THE RESISTANCE: struggle and emancipation of the peasant woman in Rondônia from the burlap sacks

This article entitled "*STRENGTHENING RESISTANCE: struggle and emancipation of the peasant woman in Rondônia from the arpilleras*", reported through research on the subject, how arpilleras has been a material way of expressing the different realities lived by women, such as dictatorship construction of dams, as in this article. And with the use of interviews and field diaries, the research analyzes the reality of women affected by dams and their feelings. This work was carried out through two interviews with affected women, with interviews being conducted individually in each community, through a structured questionnaire and two meetings, which generated two field diaries, with the main theme of the pension reform and violence against women. The research showed how arpilleras are seen as important tools by both interviewees, as well as for all the participants in the conversations, being a form of expression, in which these women report stories of the communities as well as their feelings and fears.

Keywords: Fight. Women. Arpilleras. MAB.

REFERÊNCIAS

BACIC, Roberta. História das arpilleras. In: **Arpilleras da resistência política chilena.**

Biblioteca Nacional, 2012.

BOLEÃO, Jossier Sales. ANDRADE, Émile Cardoso. As narrativas das arpilleras e a reflexão sobre os sujeitos. In: **Dossiê Estudos de Linguagem e Interculturalidade**, Goiás, UEG, v. 10, n. 2. p. 339-353, Jun. 2018.

FREIRE, Ralyanara. Bordando transgressões arpillera e a luta de mulheres contra Belo Monte. In: **Congresso Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, Paraná, v. 1, n. 1, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GODINHO, Eliane. **O “artesanato de si” de mulheres assentadas do MST: um processo político pedagógico feminista pelo viés da educação popular**. 2017. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

Movimento dos Atingidos por Barragens. Secretaria Nacional. **Mulheres atingidas por barragens em luta por direitos e pela construção do projeto energético popular**. São Paulo: MAB, 2015.

_____. **Atingidas pela hidrelétrica de Jirau bordam arpillera cobrando justiça ao assassinato de Nicinha**. 2016. Disponível em: <http://www.mabnacional.org.br/noticia/atingidas-pela-hidrel-trica-jirau-bordam-arpillera-cobrando-justi-ao-assassinato-nicinha>. Acesso em: 15 jun. 2019.

_____. **A luta das mulheres atingidas por barragens por políticas públicas**. São Paulo: MAB, 2017.

MARCAS DA MEMÓRIA DA COMISSÃO DE ANISTIA. **Arpilleras da resistência chilena de la resistência política chilena**. Rio de Janeiro, 2011.

MASO, Tchenna Fernandes. **Dossiê das mulheres atingidas por Barragem**. São Paulo: MAB, 2015.

MINAYO, Maria C. de Souza. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Em Porto Velho (RO), Justiça condena assassino de Nicinha a 15 anos de prisão**. Disponível em: <http://www.mst.org.br/2017/03/27/em-porto-velho-ro-justica-condena-assassino-de-nicinha-a-15-anos-de-prisao.html>. Acesso em: 15 jun. 2019.

NÓBREGA, Renata da Silva. **Contra as ‘invasões bárbaras’, a humanidade: a luta dos Arara (Karo) e dos Gavião (Ikólóéhj) contra os projetos hidrelétricos do Rio Machado, em Rondônia**. Campinas: UNICAMP, 2008. 205f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: UNICAMP, 2008.

SILVA, Márcia Alves da; NEGRETTO, Carla. Saberes e fazeres de mulheres na construção de uma pedagogia feminista. In: Congresso Alas, XXXI., 2017, Montevideu. **Anais...** São Paulo, 2017, p. 1-16.

UOL. **Reforma da Previdência de Bolsonaro prejudica mais as mulheres.** Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/03/08/dieese-reforma-da-previdenciamulheres.htm>. Acesso em: 23 de jul. 2019.

ANEXO

Anexo A - Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus, por ter me dado força, para que eu pudesse chegar até o fim do curso.

À Universidade Federal de Rondônia (UNIR) de Rolim de Moura, pelo conhecimento e o acolhimento.

Aos meus três filhos (Deivid, Denis e Denilson) por todas as vezes que se preocuparam comigo, me deram força e coragem, para que eu não desistisse e quero agradecer as minhas noras (Isabel, Leonina e Marielly).

Muitíssimo obrigada a minha orientadora, Dra. Catiane Cinelli, por toda a paciência que teve comigo e ter confiado no meu trabalho.

Quero agradecer ao MAB, que por intermédio dele, eu ingressei na licenciatura, e a todos que participam do movimento, pela confiança.

Aos amigos da UNIR, minha turma em geral e especialmente aqueles amigos que sempre estiveram comigo, durante trabalhos e seminários, me ajudando.

As senhoras das entrevistas, pela disposição de retirar um tempinho da sua rotina, para responder o questionário e por meio das suas respostas, contaram suas histórias de luta.